

2.2. As Opções Totalitárias

- Um clima de pessimismo domina a Europa, atingindo sobretudo as diferentes camadas das classes médias dos países capitalistas. Sentiam-se empobrecer, temiam a agitação operária (greves, ocupações, manifestações) e receavam a propagação do bolchevismo. Cresceu, entre elas, um sentimento anti-comunista que foi explorado na imprensa, em livros, banda desenhada e no cinema.

O pessimismo era também marcado por um forte antiparlamentarismo, por um nacionalismo agressivo e pela defesa de soluções violentas e ditatoriais, como forma de ultrapassar a crise. Defendiam a instauração de um governo forte como a única garantia para conseguir trabalho, paz, riqueza, dignidade e ... sonhos de glória.

- Começam a surgir, por toda a Europa, grupos de extrema-direita formados por ex-militares, classes médias, desempregados que se destacam pelo seu nacionalismo e racismo, pela sua agressividade. Muitos desses grupos tornam-se partidos políticos que tomam o poder, sobretudo na década de 30. Entre eles vai surgir o Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha. É chegado o **tempo das ditaduras**. Alguns exemplos:

Itália - Tomada do poder pelo Partido Nacional Fascista (Mussolini)

Alemanha - Tomada do poder pelo Partido Nazi (Hitler)

Portugal - Derrube da República e instauração do regime da Ditadura Militar a que se seguirá o regime autoritário do Estado Novo.

Espanha - Ditadura de Primo de Rivera. Implantada a República, em eleições livres, esta é derrubada depois de uma sangrenta guerra civil. O Fascismo chega ao poder com o General Franco.

- No mesmo período, na **U.R.S.S.**, Estaline assume um poder total e instaura, no país dos Sovietes, um regime também ditatorial.

AS DOCTRINAS FASCISTAS

Fascismo:

Sistema político instaurado por Mussolini em Itália, a partir de 1922. Profundamente ditatorial e repressivo, o fascismo suprimiu as liberdades individuais e colectivas, defendeu a supremacia do Estado, o culto do Chefe, o nacionalismo, o corporativismo, o militarismo e o imperialismo.

Por extensão, o termo *fascismo* passou a designar também todos os regimes totalitários de direita (incluindo o Nazismo alemão) e até mesmo outros regimes autoritários (Estado Novo, em Portugal /Franquismo, em Espanha).

Princípios Ideológicos do Fascismo:

Mussolini vangloriava-se de ser «*reaccionário, antiparlamentar, antidemocrático, antiliberal, anti-socialista.*»

1. Era antidemocrático, antiliberal e antiparlamentar:

Opunha-se ao sufrágio universal e ao regime parlamentar, pois não acreditava nas capacidades dos cidadãos para escolher os seus governantes.

O Fascismo dividia a humanidade em dois grupos: as *elites* que tinham a capacidade de governar e as *massas* que se destinavam a ser governadas. Essas elites (os melhores) surgiriam, por selecção natural, de entre todos os homens. Naturalmente, consideravam-se a si próprios (fascistas/nazis) como membros dessas elites e, o chefe, como o primeiro de entre todos.

Opunham-se também à separação dos poderes, base das democracias, porque achavam que enfraquecia a Nação e o Estado. Estes, para serem grandiosos, teriam que ter um Estado centralizado e autoritário.

2. Era antisocialista e anticomunista

Negava a luta de classes e opunha-se aos sindicatos e à luta dos trabalhadores, na medida em que essa luta quebrava a unidade do Estado. Defendia, em oposição, a anulação dos interesses de todos os grupos sociais, a conciliação de todas as classes perante o interesse supremo da Nação e do Estado.

3. Defendia a mística do Estado, da Nação e do Chefe

«*Ein volk* (um só Povo),
Ein Reich (um só Estado),
Ein Fuhrer (um só Chefe).»

O Primado da Nação- Defendia um nacionalismo exacerbado, exaltando os valores nacionais que marcavam a diferença entre as nações «*superiores*» e «*civilizadas*» e as nações «*inferiores*» e «*bárbaras*». Tal atitude levava o Fascismo a repudiar todos os elementos estranhos internos (judeus, ciganos) e a desprezar as outras nações.

O Primado do Estado - O Estado (e o Partido que governava o Estado) era identificado com a Nação. Era o «*Estado Nacional*». Estava acima dos indivíduos e dos grupos. A ele se deviam submeter todos os interesses individuais e colectivos. O poder do Estado era indiscutível e inquestionável, exigindo aos cidadãos total obediência e devoção.

«Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado»

O Primado do Chefe - Este era o símbolo do Estado onipotente, encarnação da Nação e guia dos seus destinos. O Chefe era o homem excepcional a quem se devia prestar uma obediência cega. Era o «*Duce*», o «*Fuhrer*». Tinha qualidades "sobre-humanas" e em torno da sua figura erguia-se um verdadeiro culto.

Para criar esta mística em torno de si, o Chefe rodeava-se de uma série de símbolos que exaltavam o seu poder: uniformes militares, braçadeiras, poses teatrais estudadas, discursos inflamados, bandeiras e exibição de força militar.

4. Totalitarismo e negação dos direitos individuais

A mística do Estado, da Nação e do Chefe levou, sobretudo no caso da Alemanha Nazi, ao totalitarismo.

Este negava os direitos individuais e a possibilidade da sociedade civil se organizar em organismos que defendessem interesses profissionais ou de grupos. Nenhum interesse contava, para além do interesse do Estado.

Nesse sentido, organizava a sociedade civil, enquadrando-a em organizações estatais de diferentes índoles (política, trabalho e lazer) destinadas aos jovens, mulheres, trabalhadores e patrões. Essas organizações tinham ainda a função de doutrinar as massas, vinculando-lhes a ideologia do Partido Fascista/Nazi.

O Estado fascista era, assim, um Estado totalitário, na medida em que controlava quase em absoluto a vida política, económica, social e cultural dos seus cidadãos. A ideologia do poder dominava todos os domínios da vida dos homens, apelando à sua mobilização activa no apoio ao regime. O Estado totalitário não apostava numa população amorfa, mas sim numa população politicamente mobilizada no apoio à ideologia do Poder.

5. Afirmação da superioridade das elites

O Fascismo dividia a humanidade em dois grupos: as *elites* que tinham a missão de governar e as *massas* que se destinavam a ser governadas. Essas elites (os melhores) surgiriam, por selecção natural, de entre todos os homens.

As elites eram arregimentadas nos quadros do Partido único que se organizava como uma força paramilitar, com milícias armadas próprias. Os membros do partido único eram considerados os mais competentes e os que exerciam os cargos de maior responsabilidade no Estado e na Administração.

6. O Mito da Raça Superior e o Racismo

O racismo nazi baseava-se na teoria de que os homens se dividiam em **raças superiores** e **raças inferiores**. A **raça ariana**, a que pertencia o povo alemão, era considerada superior a todas as outras e como tal deveria manter-se «pura», eliminando todos os elementos estranhos que a corrompessem.

Todas as outras raças eram consideradas inferiores. Abaixo de todas estavam os Judeus, raça incapaz de criar o seu próprio Estado e vivendo como parasita nos outros Estados.

Este racismo foi particularmente vincado na Alemanha, conduzindo à perseguição e ao extermínio dos judeus alemães e dos judeus dos países ocupados, no período da II Grande Guerra.

7. Defesa do Imperialismo

O princípio da desigualdade conduziu também ao expansionismo da Nação superior que necessitava de um «*espaço vital*» para crescer e prosperar, pelo que se legitimava a guerra e conquista de outros povos, considerados inferiores. A 2ª Grande Guerra foi o resultado desta política imperialista.

Formas encontradas pelo Fascismo/Nazismo para mobilizar e controlar a população

O Fascismo italiano e o Nazismo alemão, ao mesmo tempo que defendiam a teoria das elites governativas, contavam com o apoio entusiástico das massas que mobilizavam no apoio ao regime. Não tinham a intenção de afastar as massas da política, mas procuravam torná-las politicamente activas, num apoio cego e acrítico aos seus líderes.

Visavam criar uma nação subjugada e submissa dotada de uma «*alma colectiva*», unida em torno do líder, que fortalecesse a unidade do Estado e da Nação. Aqueles que conseguissem escapar a esta manipulação colectiva e não aderissem ao regime eram sumariamente perseguidos e eliminados.

Para conseguirem essa nação subjugada e submissa, os regimes fascistas utilizaram várias estratégias, nomeadamente:

- a encenação da força e da propaganda;
- a mobilização das massas em organizações onde estas se integravam;
- a repressão policial e a censura intelectual.

1. A Encenação da Força e a Propaganda

Os regimes fascistas impuseram uma **imagem de poder, de força e de ordem** através de uma propaganda que se estendia a todos os aspectos da vida das populações.

Era através da propaganda que os partidos fascistas divulgavam os seus ideais e promoviam o culto do chefe. Nos comícios gigantes, nos jornais, através da rádio, nos espectáculos e no desporto, as massas recebiam os discursos inflamados dos seus chefes, os seus valores e princípios.

Essa imagem assentava também no vincado cunho militarista do Governo Nazi e do partido único. Os chefes apareciam ao público de farda militar, transmitindo uma imagem de ordem e de respeito.

Os governos e partidos fascistas impuseram-se à custa de uma grande encenação, como se de **actos teatrais** se tratassem: os **gestos dramáticos** dos chefes eram minuciosamente programados; os **comícios e desfiles** eram grandiosos e intimidatórios, profundamente decorados com uma **simbologia de força**, dinamismo e autoridade criada por **bandeiras, faixas, cartazes, suásticas** (cruzes gamadas) e outros símbolos bélicos.

Criava-se assim um clima propício ao êxtase, hipnose e histeria colectiva.

Desfilavam pelas ruas em **paradas militares** (Forças Militares, S.S., Juventudes Fascistas uniformizadas) que constituíam importantes manifestações de força, com vista a criar um clima de entusiasmo entre os seus apoiantes e de medo entre os seus opositores.

2. A Mobilização das Massas

No entanto, para conseguirem uma nação submissa, a propaganda, por mais eficaz que fosse, não era suficiente. Era necessário enquadrar os

cidadãos em organizações afectas ao regime desde a infância, para mais facilmente as poderem «educar» e controlar.

A Filiação no Partido único

A inscrição no Partido era, em muitos casos, a condição necessária para arranjar emprego. Uma vez inscritos, os cidadãos eram mais facilmente controlados, devendo mostrar-se militantes cumpridores e fiéis.

Na Itália, todos os professores e restantes funcionários públicos eram recrutados no Partido Fascista Italiano. O cartão de adesão ao Partido acabava por se tornar o «cartão do pão».

Na Alemanha, todos os cargos de maior responsabilidade eram entregues a membros do Partido Nazi (Partido Nacional-Socialista Alemão)

Inscrição obrigatória dos trabalhadores nos sindicatos fascistas

Foram extintos os sindicatos livres e, em sua substituição, foram criados os sindicatos fascistas dirigidos por funcionários nomeados pelo regime que tinham a missão de harmonizar os interesses dos trabalhadores com os interesses do patronato.

Acima de todos os interesses deviam estar os interesses superiores do Estado, em nome dos quais se deveriam esquecer os interesses dos grupos. A luta de classes era substituída pela colaboração de classes em proveito dos interesses do Estado/Governo fascista.

O Fascismo controlava assim o mundo do trabalho, tentando controlar as consciências dos trabalhadores.

Ocupação dos tempos livres dos trabalhadores

O regime procurava também enquadrar os tempos livres dos trabalhadores em organizações próprias como o **Dopolaboro**, em Itália e a **K.D.F. (Força pela Alegria)** na Alemanha.

Eram organizações organizavam os lazeres, promovendo festas, espectáculos, desporto e viagens, ao mesmo tempo que faziam a propaganda do regime.

As Organizações da Juventude

- Os jovens, antes de pertencerem à família, pertenciam ao próprio Estado. Eram enquadrados em organizações onde aprendiam os valores e ideais fascistas, nomeadamente a obediência cega ao Chefe, ao Partido e ao regime.

- Na **Itália**, existiam as seguintes organizações: **Filhos da Loba** (4/8 anos); **Balilas** (8/14 anos); **Vanguardistas** (14/18 anos); **Juventude Fascista** (a partir dos 18 anos) e **Grupos Universitários Fascistas**.

- Na **Alemanha**, os jovens eram enquadrados na **Juventude Hitleriana** a partir dos 8 anos, onde aprendiam a venerar o Chefe, a praticar desporto, a admirar a guerra como caminho para a glória e a desprezar os valores intelectuais. Consideravam-se opositores ao regime os pais que não inscreviam os filhos na Juventude Hitleriana e eram desprezados os jovens que não a integravam. Fomentava-se, entre os jovens, a delação dos próprios pais que fossem opositores ao regime, já que o amor à Pátria e ao Chefe devia ser superior ao amor aos pais.

A Escola Fascista

A educação fascista era completada na Escola através de um ensino administrado por **professores** do Partido ou subjugados por ele (eram obrigados a um juramento de fidelidade ao regime) e por **manuals escolares** impregnados de princípios totalitários fascistas.

3. A Repressão Policial e a Censura Intelectual

O regime fascista utilizava também a força sobre a população, vigiando-a nos locais de habitação, trabalho e lazer. Principalmente na Alemanha surgiu um verdadeiro **Estado policial**, onde a polícia política e as **S.S.** se encarregavam dessa vigilância, criando um clima de suspeita e de delação generalizado sobre os indivíduos e a opinião pública, eliminando toda e qualquer oposição que era enviada para campos de concentração.

Nessa acção repressiva, o fascismo utilizou:

- **A polícia política**: O.V.R.A. (Organização de Vigilância e Repressão do Antifascismo), na Itália e a Gestapo, na Alemanha;

- **As milícias armadas** como as S.A. (Secções de Assalto) e as S.S. (Secções de Segurança do Partido), na Alemanha; as Camisas Negras do Partido Nacional Fascista, em Itália.

- **A censura intelectual** impondo uma literatura e uma arte de exaltação do regime, e proibindo toda e qualquer manifestação artística que saísse das regras impostas pelo Estado. Assim:

- suprimiu jornais e mandou queimar obras de autores proibidos (Marx, Freud, Proust, Einstein, etc.);

- perseguiu intelectuais e obrigou artistas a prestar juramento a Hitler;

- obrigou ao encerramento da Bauhaus (escola modernista de artes);

- utilizou intensamente o cinema e a rádio (em 1938, 10 milhões de aparelhos de rádio, ligados a altifalantes, estavam espalhados nas ruas, nas escolas, nas fábricas e noutros locais para que toda a Alemanha pudesse ouvir o Fuhrer).

Particularismos do Fascismo Italiano e do Nazismo Alemão:

1. O Corporativismo Italiano

O fascismo italiano concebeu uma forma inovadora de regulamentar a ligação entre o capital e o trabalho. As profissões foram organizadas em corporações e para cada profissão foi criado um único **sindicato patronal** e um único **sindicato operário**. Foram ainda criados **sindicatos mistos** de patrões e trabalhadores, criando assim as corporações mistas.

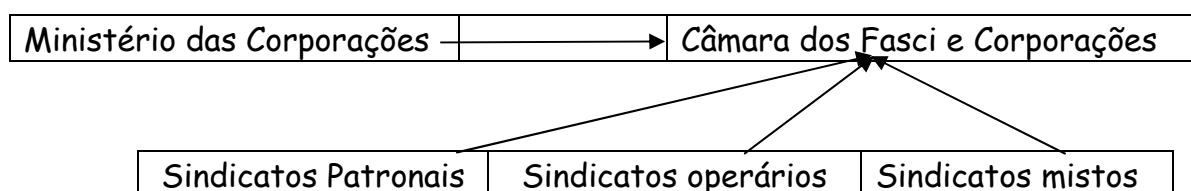
A todos (patrões e trabalhadores) foram proibidas quaisquer atitudes de contestação, em defesa dos seus interesses profissionais. Aos trabalhadores foi proibida a greve e aos patrões foi proibido o lock out.

Segundo o fascismo, todos os interesses individuais e profissionais deviam ser esquecidos para que não pusessem em causa os interesses superiores do Estado. À frente destes sindicatos fascistas estavam funcionários nomeados pelo Partido Fascista, para assegurar esse objectivo.

O Estado fascista visava, deste modo, substituir o princípio marxista da luta de classes pela cooperação entre as mesmas. Todos os conflitos laborais eram submetidos à arbitragem do Estado. Assim se procurava disciplinar os trabalhadores, fazer crescer a produção, e fortalecer a autoridade do Estado nos campos económico e social

Formava-se, assim, o **Estado Corporativo**. O Estado assumia assim o controle de toda a economia que, segundo Mussolini, devia ser **autárquica**, ou seja, devia bastar-se a si própria, sem depender do exterior.

Ao transformar-se num Estado Corporativo, foi criado, na Itália, um quadro legal para integrar as corporações. Surgiram o **Ministério das Corporações** e a **Câmara dos Fasci e Corporações** que controlavam todas aquelas instituições, de modo a submeter os interesses dos grupos aos interesses prioritários do Estado.



Este corporativismo, criado e aplicado por Mussolini na Itália, vai servir de exemplo a outros Estados autoritários como o Estado Novo, em Portugal.

Em conclusão, o Corporativismo foi o sistema através do qual o Estado fascista interveio na actividade económica com o objectivo de promover o progresso económico e arbitrar os conflitos laborais. Fê-lo na defesa dos interesses superiores do Estado que, na sua perspectiva, não deviam ser postos em causa pelos interesses de quaisquer grupos profissionais.

Substituíu, assim, a luta de classes pela colaboração entre as classes.

O corporativismo organizou, nos países onde foi aplicado, essa «união/colaboração» de patrões, gestores e trabalhadores num quadro legalmente constituído, formado por corporações de patrões, corporações de trabalhadores e corporações mistas. Todas elas estavam representadas em organismos superiores do Estado.

2. A Violência Racista na Alemanha

O racismo nazi baseava-se na teoria de que os homens se dividiam em **raças superiores e raças inferiores**. A **raça ariana**, a que pertencia o povo alemão, era considerada superior a todas as outras. Para formulação de tal teoria, Hitler procurou apoiar-se em Charles Darwin (teoria de *selecção natural das espécies*) e no mito do *super-homem* do filósofo alemão Nietzsche. Destas doutrinas seleccionou, descontextualizadas, algumas ideias que deturpou para justificar a sua teoria.

Como raça superior, a raça ariana deveria manter-se «pura», eliminando todos os elementos estranhos que a corrompessem, como judeus e ciganos, raças consideradas nocivas e parasitas.

A raça ariana devia ainda ocupar o seu «**espaço vital**», recorrendo para tal à guerra e criar um império que unificasse todos os alemães espalhados pelo mundo.

Tal teoria levou o Nazismo a empreender uma política de purificação da raça e de depuração dos elementos nocivos que a contaminavam.

Foram tomadas as seguintes medidas:

Apuramento físico e mental da raça ariana:

- política de incentivo à natalidade entre as famílias arianas;
- promoção do desporto e da vida ao ar livre;
- imposição do **eugenismo** (aplicação das leis da genética à reprodução humana, a fim de obter melhores estirpes - casamentos entre S.S e mulheres alemãs);

- esterilização obrigatória dos alemães «*degenerados*», como deficientes mentais;
- encorajamento da eutanásia no caso dos doentes mentais, dos deficientes e dos idosos, levando mesmo à sua eliminação física;
- proibição de casamentos mistos.

Preservação da raça ariana através da depuração dos elementos nocivos que a contaminavam:

Foi desencadeada uma política de violência racista sobre Judeus e Ciganos que viviam na Alemanha e que viviam nos países ocupados durante a II Guerra. Nos anos 30, tal política endureceu, transformando-se num verdadeiro genocídio, premeditado e cientificamente organizado.

- 1933** - boicotes às lojas de comerciantes Judeus;
 - pilhagens e actos violentos pelas S.S.

1935

Leis de Nuremberga:

- a nacionalidade alemã foi retirada aos Judeus;
- foram proibidas as misturas raciais entre estes e arianos;
- os Judeus foram excluídos do exercício do funcionalismo público e das profissões liberais.

1938

- «pogroms» (massacres) por toda a Alemanha, como o da «*Noite de Cristal*» durante a qual as S.S. e as S.A. entraram nos bairros judeus, invadiram casas e sinagogas, destruíram lojas e bens, profanaram cemitérios judeus, incendiaram sinagogas e mataram muitos elementos da comunidade judaica.
- liquidação das empresas judaicas e confisco dos seus bens pelos nazis;
- foi interdito aos Judeus o exercício de qualquer profissão;
- os Judeus foram proibidos de utilizar os transportes públicos;
- os Judeus foram obrigados a usar a estrela amarela de David;
- envio dos Judeus para *guetos*, como o Gueto de Varsóvia.
- milhares de prisões de Judeus e envio dos prisioneiros para campos de concentração.

1941

- Foi decidida a "**solução final**" para o problema judaico.

Os Judeus da Alemanha, depois de recenseados, eram levados para os **campos de extermínio** ou **campos da morte** (Treblinka, Auschwitz, Dachau e outros). Aí se juntavam aos Judeus capturados pelos nazis em todos os territórios ocupados. À chegada aos campos era feita uma triagem: **os mais fracos** eram encaminhados para as câmaras de gás/fornos crematórios; **os mais fortes** eram condenados a trabalhos forçados, alugados como mão-de-obra escrava a grandes industriais alemães ou recrutados como cobaias humanas para as empresas farmacêuticas.

Nestes campos de extermínio morreram cerca de **6 milhões de Judeus**. Embora o anti-semitismo tivesse existido um pouco por toda a Europa ao longo da História, foi a primeira vez que o extermínio de uma raça foi planeado e organizado de modo a ser efectuado da forma mais rápida e económica possível.

O Estalinismo na U.R.S.S.

Após a morte de Lenine em 1924, Staline iniciou uma fulgurante marcha pela conquista do poder na U.R.S.S. Afastou todos os seus adversários e rivais, como Trotsky, através de sucessivas *purgas* (operações de limpeza ideológica feitas no interior do Partido Comunista), usando a autoridade dos cargos que exercia no Estado Soviético e a sua grande influência dentro do Partido.

Tal política conduziu à morte, à prisão ou à expatriação inúmeros inimigos, nomeadamente todos os dirigentes bolcheviques que tinham feito a revolução de Outubro de 1917.

A partir de 1927, é o chefe incontestado do Partido Comunista e do Estado Soviético, desenvolvendo, em torno de si, um forte «culto da personalidade».

O seu governo deixou marcas importantes na história da U.R.S.S. e do mundo:

- sob a sua chefia, a U.R.S.S. tornou-se uma das nações mais industrializadas do mundo, rivalizando com os E.U.A. na partilha das áreas de influência no mundo;
- tornou-se o dirigente incontestado do mundo socialista;
- edificou a máquina burocrática e administrativa do Estado Soviético, dando-lhe um cariz totalitário que iria marcar a U.R.S.S. quase até ao final do século XX.

Marcas da sua acção governativa:

1. Colectivização e planificação da economia

Staline avançou para a abolição de toda a propriedade privada e para a colectivização acelerada de toda a economia (indústrias, terras, bancos, comércio, transportes). Todos os meios de produção foram confiscados pelo Estado que passou a assumir a função de os gerir, em nome de todos.

Para o **Marxismo-leninismo** a colectivização da produção era fundamental para a construção do socialismo, na medida em que retirava à burguesia os meios de produção e os entregava ao colectivo. Só assim acreditava ser possível a construção de uma efectiva igualdade social.

Nos campos

- ♣ A partir de 1929, o Estado avançou para a colectivização dos campos a um ritmo acelerado, confiscando aos KulaKs todas as terras e o gado.
- ♣ As terras de cultivo foram organizadas em **Kolkhozes** (cooperativas agrícolas, cultivadas em comum pelos camponeses das aldeias) e **Sovkhozes** (grandes quintas do Estado, cultivadas por camponeses assalariados).
- ♣ Registou-se uma grande resistência à colectivização das terras por parte dos antigos proprietários rurais que foram violentamente reprimidos. Três milhões de Kulaks tiveram como destino a deportação para a Sibéria ou a execução.
- ♣ Apesar da violência destas medidas, a URSS registou um grande aumento da produção agrícola.

No comércio

- ♣ Foram criadas cooperativas de consumo e armazéns estatais, onde a população se abastecia.

Na indústria

- ♣ Foi a principal prioridade da política económica de Staline. Para a desenvolver, o Estado planificou a indústria de acordo com as necessidades do Estado soviético. Foram concebidos os Planos Quinquenais (programas que fixavam as prioridades e os níveis de produção a atingir no prazo de 5 anos). Eram rigorosamente centralizados e controlados pelo Estado. Enfrentaram muitas dificuldades, mas colocaram a URSS entre os 3 países mais industrializados do Mundo.

♣ 1ºPlano Quinquenal (1928/33) - Teve como principal objectivo o desenvolvimento da indústria pesada (siderurgia, maquinaria e energia eléctrica), dos transportes e da produção agrícola.

♣ 2ºPlano Quinquenal (1933/38) - Deu prioridade à indústria ligeira (têxtil e alimentar). A sua finalidade era proporcionar à população produtos de consumo a baixo preço, de modo a elevar o seu nível de vida.

♣ 3ºPlano Quinquenal (1938/45) - A sua intenção era desenvolver a energia e a indústria química, mas foi interrompido em 1941, devido à 2ª Grande Guerra e à invasão do país pelas tropas nazis.

Depois da Guerra, entre 1945 e 1955, os planos quinquenais foram retomados, com vista à retoma económica da produção agrícola e industrial e à reconstrução do país, devastado e com 20 milhões de mortos na guerra.

Para que tais planos fossem concretizados, o Estado centralizou e controlou todo o desenvolvimento económico, motivando a população através da propaganda ou tomando medidas fortemente repressivas. Tais como:

- deslocações maciças da população para locais onde a mão-de-obra era necessária;
- envolvimento pessoal dos trabalhadores na construção da sociedade socialista através da propaganda. Os melhores trabalhadores eram os «heróis do povo». Havia também prémios de produção;
- medidas coersivas como a «caderneta do operário» e o «passaporte interno», para além do trabalho forçado.

Mas, apesar dos sacrifícios da geração que concretizou os planos quinquenais, estes deram os seus frutos: em 1940, a U.R.S.S. era o terceiro país mais industrializado do mundo.

2. O Totalitarismo repressivo do Estado e a Burocratização do Partido

* O **centralismo económico** do Estado correspondeu a um igual **centralismo político** que se concretizou num poder crescente do Estado e do Partido Comunista que estenderam o seu domínio a toda a sociedade russa.

* Apesar dos amplos direitos sociais e políticos consagrados na Constituição de 1936, o país era dominado pelo **totalitarismo do Estado e do Partido**, duas estruturas paralelas que se confundiam e interpenetravam. Isto acontecia porque para os comunistas, o Estado não estava acima das classes. Ele devia representar o Proletariado. Como o Partido Comunista era considerado a sua vanguarda, então o Estado devia estar sob a direcção do Partido.

* O **Totalitarismo** era também reforçado pelo **centralismo democrático**, sistema organizativo em que assentava o Estado soviético (já desde Lenine). Tinha por base duas linhas de actuação política:

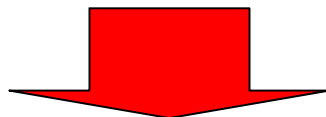
-uma **linha democrática** que estabelecia o voto popular por etapas e degraus de baixo para cima (voto universal aos cidadãos para elegerem órgãos locais);

- uma **linha autoritária e burocrática** que determinava o cumprimento, sem contestação, das decisões tomadas pelos órgãos superiores que tinham sido eleitos. As decisões eram impostas de cima para baixo, colocando todas as organizações políticas e todos os cidadãos sob o poder centralizador dos dirigentes do Partido e do Estado.

* O Totalitarismo era reforçado pelos complexos e hierarquizados **aparelhos burocráticos** do Partido e do Estado, constituídos por funcionários hierarquizados que transmitiam as ordens dos órgãos superiores, controlavam militantes e cidadãos e bloqueavam quaisquer tentativas de mudança.

* Deste modo, também a U.R.S.S. conhecia agora um regime totalitário. Também neste país que, em 1917 tinha desejado instaurar um regime de tipo novo que acabasse com a exploração do homem pelo homem e criasse as bases de uma sociedade igualitária, se instaurava agora, um **Estado totalitário e repressivo**.

Na U.R.S.S. de Staline, todas as instituições políticas, económicas, sociais, culturais e a própria vida quotidiana dos cidadãos estavam submetidas à razão do Estado que exercia um papel omnipresente e onnipotente.



Também a U.R.S.S., à semelhança de outros Estados totalitários, conheceu as formas de organização e manipulação das massas e as duras medidas repressivas:

- os cidadãos foram enquadrados em organizações afectas ao regime como os «*Pioneiros*», a «*Juventude Comunista*», os «*sindicatos comunistas*» para que pudessem crescer e viver de acordo com a ideologia dominante.

Assim, procuravam criar o «*homem novo*» que deixasse de lado o seu individualismo e aprendesse a viver em função do colectivo;

- a **repressão** foi exercida violentamente contra os opositores que o regime considerava como sabotadores da nova ordem socialista. Até ao fim da década de 30, dois milhões de pessoas foram enviadas para os campos de trabalho forçado - «Gulags» - e setecentas mil foram executadas. Entre estas vítimas encontravam-se muitos antigos bolcheviques e membros dos soviets que tinham dirigido e participado na revolução de Outubro de 1917.

O Estado Soviético e a Cultura - REALISMO SOCIALISTA

Na década de 1930, surgiu na U.R.S.S., o **realismo socialista**, um movimento artístico que colocava a arte ao serviço da ideologia dominante, ou seja, ao serviço da construção do socialismo e promovendo a exaltação do povo russo e da sua luta. Segundo aquela corrente, essa intenção devia acontecer de uma forma clara, para ser compreendida por todo o povo, quer através da forma, quer através do conteúdo.

Assim, as várias manifestações artísticas deviam ser «realistas na forma» e socialistas no conteúdo».

Surgiu uma **arquitectura** classicista, imponente, pomposa e uniforme (praças, avenidas, monumentos comemorativos e bairros) e uma **escultura** e **pintura** figurativas, seguindo os modelos clássicos, com uma temática histórica que exaltava os heróis e as massas em luta.

Os artistas que não acatavam o realismo socialista, foram expulsos, exilados ou tiveram que enfrentar a repressão do regime.